

A CIDMAR TEODORO PAIS

**ESTUDO GEOLINGUÍSTICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO:
UMA ABORDAGEM COM SUJEITOS
NA FAIXA ETÁRIA DE 31 A 49 ANOS**

Adriana Cristina Cristianini (USP/UNIBAN)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem utilizada por uma comunidade é, certamente, uma marca primordial de sua identidade, de sua cultura. Além disso, a linguagem assume o papel de principal “produto” da cultura e é, ao mesmo tempo, o principal “instrumento” de sua transmissão.

O projeto coletivo “Estudo Sociogeolinguístico no município de São Paulo: o léxico – parte I”, desenvolvido pelo GPDG/USP – Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística da Universidade de São Paulo, inscreve-se num conjunto de estudos que têm por objetivo a constituição de bancos de dados lexicais para elaboração de atlas linguísticos, na Universidade de São Paulo. Esses estudos, que tiveram início em 1999, hoje contam com trabalhos sobre o léxico de alguns municípios do estado de São Paulo.

Cabe destacar, dentre os estudos concluídos, a tese de doutorado de Imaguire (2004), *Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais*; a tese de doutorado *Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB* e a monografia de mestrado *Estudos geolinguísticos de aspectos semântico-lexicais do campo semântico ‘alimentação e cozinha’ (questionário do ALiB) no município de Sorocaba*, de Santos (2005 e 2002); a monografia de mestrado de Encarnação (2005), *Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela*; e a tese de doutorado *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*, de Cristianini (2007).

O léxico dos municípios do litoral norte do estado de São Paulo e do município de Iguape/SP são objetos de estudos atualmente desenvolvidos, respectivamente, por Encarnação e Silveira.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Como podemos observar que, além de todos se tratarem de estudos geolinguísticos de aspecto semântico lexical, há certa relação entre os locais para onde os olhares foram direcionados. Não coincidentemente, temos estudos sobre os municípios do litoral do Estado, por onde se iniciou a colonização, e da região do Grande ABC, primeira a ser fundada no planalto paulista, fato histórico este que teve um papel relevante na fundação do município de São Paulo – capital do Estado.

Parece-nos coerente que o atual estudo, desta vez coletivo, dê enfoque ao léxico do município de São Paulo e sua diversidade. Nota-se que a diferenciação geográfica e social entre segmentos de uma mesma comunidade resulta em um correspondente processo de diferenciação linguística e, mesmo num município como São Paulo, com uma sociedade de mil faces, temos uma norma linguística característica do local. Para que possamos compreender a constituição dessa norma da comunidade que povoa a cidade, torna-se necessária, antes, que se apresente uma breve explanação sobre a história de São Paulo, desde seus primórdios.

BREVE EXPLANAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Nos primeiros anos após a data oficial do descobrimento do Brasil, os portugueses tinham grande preocupação na defesa das costas litorâneas brasileiras de possíveis invasões, principalmente holandesas e francesas que não compartilharam da divisão formalizada pelo Tratado de Tordesilhas que repartiu a terra “descoberta” entre os portugueses e os espanhóis.

No início do século XVI, as nações que tivessem terras de onde pudessem extrair minerais, principalmente ouro e prata, estavam à frente dos demais países, pois essas eram as moedas correntes na época e indicadores de riqueza.

A presença de tais minérios justifica o interesse pelas terras brasileiras. Devido a vários ataques às colônias portuguesas, a partir de 1530, Portugal resolveu intensificar a colonização das costas brasileiras. Foi nesse contexto que, por ordem de D. João III, rei de Por-

A CIDMAR TEODORO PAIS

tugal, Martim Afonso de Souza foi enviado para o Brasil com o intuito de fundar vilas, para que o litoral brasileiro fosse fortalecido.

Em 1531, quando Martim Afonso de Souza chegou ao Brasil, ao ancorar no Tumiaru (hoje São Vicente), já encontrou João Ramalho, um português que representava nesse momento uma porta de entrada para o contato com os índios e para a colonização, pois ele vivia entre os índios guaianazes, conhecia algumas tribos e conseguia se comunicar com elas.

Em contrapartida a sua ajuda, João Ramalho solicitou ao então Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, desde o início, que o local em que vivia um aglomerado de portugueses, índios e mameucos, no planalto, situado acima da Serra do Mar, em território da Capitania de São Vicente, próximo à taba do Cacique Tibiriçá, fosse oficialmente transformado em vila.

Sua petição foi negada durante vários anos, pois se pretendia povoar o litoral e não o interior. Entretanto, nesse período, a busca de metais impulsionou as entradas para o interior, a vila foi se desenvolvendo e, finalmente, seu pedido foi atendido pelo Governador Geral Tomé de Souza, quando, a 8 de abril de 1553, foi solenemente levantado o "pelourinho", símbolo dos foros de Vila, que no ato recebeu o nome de Vila de Santo André da Borda do Campo.

Os padres jesuítas, que já possuíam um colégio na Vila de São Vicente, tinham interesse em transferir seu colégio para próximo dessa região, nos campos de Piratininga, pois havia uma grande evasão de pessoas do litoral para o interior. Obtiveram autorização para instalar outro na nova Vila de João Ramalho, vindo a ser instalado o Colégio de São Paulo (dentro dos termos da Vila, isto é, dentro do raio de três léguas da sede), onde foi realizada a primeira missa a 25 de janeiro de 1554.

Em 1560, tendo se formado um bairro em torno do Colégio São Paulo e estando a Vila ameaçada por ataques constantes dos índios Carijós, insuflados pelos franceses instalados na Guanabara, o Padre Manoel de Nóbrega propôs que a Vila de Santo André fosse transferida e, em resposta, o Governador Geral do Brasil, Mem de Sá, ordenou que se mudasse o "pelourinho" para o pátio do Colégio, declarando extinta a Vila de Santo André, originando, assim, a Vila

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de São Paulo de Piratininga nas imediações do Colégio. João Ramalho, então, assumiu o comando das forças de defesa, com o posto de Capitão-Mor. Desta forma, da primeira Vila de João Ramalho, nasceu a Vila de São Paulo que, em 1711, foi elevada à categoria de Cidade.

De São Paulo partiram as "bandeiras", expedições organizadas para procurar minerais preciosos nos sertões distantes, mas a distância do litoral e o isolamento comercial a mantiveram, durante muito tempo, numa condição sem muita importância.

Cerca de três séculos depois de sua fundação, São Paulo não passava de uma calma aldeia colonial, com uma pequena população de no máximo 20 mil pessoas. A imagem que pairava sobre o local, segundo Schwarcz (2007), era de uma vila sem graça, uma cidade de barro, ponto de entroncamento de tropas, local de partida, não de chegada.

Foi o café que tirou a pacata cidade de seu sono colonial. No final do século XIX, a cidade passou por profundas transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas e da construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí (1867).

São Paulo se industrializava e, para atender à demanda, dentre outras razões, imigrantes de diversos países adotaram o Brasil como uma nova pátria. Para se ter uma ideia do crescimento vertiginoso da cidade na virada do século, segundo a PRODAM – Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo –, em 1895, a população de São Paulo era de 130 mil habitantes (dos quais 71 mil eram estrangeiros), chegando a 239.820 em 1900. Entre os anos de 1870 e 1939, 2,4 milhões imigrantes entraram no estado de São Paulo.

Italianos, japoneses, espanhóis, libaneses, alemães, judeus e imigrantes de diversas outras nacionalidades formaram comunidades em São Paulo e contribuíram para que a cidade se tornasse um rico centro econômico e cultural.

Além disso, migrantes de todo o Brasil, ainda hoje, saem de seus estados, municípios e chegam a São Paulo em busca de trabalho e prosperidade.

A CIDMAR TEODORO PAIS

Atualmente, São Paulo constitui-se na maior cidade da América Latina, gigante com sua força econômica, sua face multicultural e sua resistência às adversidades, fruto de gente sempre iluminada, algumas ilustres, outras pouco lembradas, que perambulam por sua história.

A GEOLINGÜÍSTICA E O ESTUDO DA NORMA LEXICAL

Percebemos que, desde sua origem, alguns itens nos direcionam a uma reflexão sobre quais fatores teriam influenciado na concretização da norma linguística que se apresenta, hoje, na cidade de São Paulo e somente um estudo aprofundado poderá nos direcionar a conclusões mais sólidas sobre essa norma.

Para tanto, baseamo-nos nos preceitos da Geolinguística, método da Dialetoлогия, que segundo Dubois (1978, p. 307), “é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”.

Podemos também ver a Geolinguística como um estudo cartográfico dos dialetos, como nos mostra Jordan (1962, p. 273) ao afirmar que “A geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos.”

Considerando que a ideia de norma está definitivamente caracterizada pela presença da alta frequência e pela distribuição regular das variações em uma comunidade linguística, e que cabe à Geolinguística a descrição das variações diatópicas, poderemos especificar, por meio das respostas obtidas de entrevistas aplicadas a sujeitos de certo grupo, numa dada localização, a norma característica do local, além de precisar a repetição topográfica dos fenômenos observados em cartogramas que, compilados, constituem os atlas linguísticos.

ESTUDO SOCIOGEOLINGUÍSTICO
NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

O presente estudo, como já afirmamos, faz parte do projeto coletivo, “Estudo Sociogeolinguístico no município de São Paulo: o léxico – parte I”. Esse trabalho se encontra em seu primeiro momento, ou seja, no estudo piloto, que busca localização de sujeitos com o perfil determinado e aplicação do questionário semântico-lexical para a obtenção dos resultados a serem analisados. Tratando-se de um estudo piloto, objetiva-se, ao final dessa fase preliminar, avaliar a adequação do questionário utilizado como instrumento de coleta de dados, além de uma reavaliação da rede de pontos e do perfil dos sujeitos a serem entrevistados.

Apesar de termos ainda um longo trajeto a percorrer, já podemos esboçar reflexões sobre alguns resultados. Principalmente ao confrontarmos os dados obtidos com os resultados de outros estudos do grupo, especialmente com o registrado na região do Grande ABC, visto que esta é composta por municípios que também integram a Região Metropolitana de São Paulo.

Para tanto, fizemos a opção de tecermos algumas observações sobre a lexia “trovão”, que é a mais frequente entre os sujeitos, e suas variações.

Trovão é também o tema da questão número 10 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil – e 12 do questionário aplicado aos sujeitos em nosso estudo piloto, que foi ampliado de modo a contemplar alguns itens específicos à localidade pesquisada. Esta questão aparece vinculada à questão anterior dada seguinte sequência de perguntas:

11. RAIÓ

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

12. TROVÃO

...barulho forte que se escuta logo depois de um ___ (cf. *item*, p. 11)?

Cabe observar que se direciona a questão ao sujeito iniciando-a com “Como se chama...”.

A CIDMAR TEODORO PAIS

A lexia “trovão”, segundo Cunha (1997) e Houaiss (2001), tem sua origem do latim vulgar *túrbo-onis* e, no clássico, *túrbo-ínis* paralelo a *turben-ínis*, usado *turbónis* por Caio Júlio César (século I a.C.), com metátese. Encontramos *torvões* e *torvon* (século XIII); *trovões*, *troo* e *toruões* (século XIV); *toruam* (século XV)

Verificamos, no latim, *turba*, com o significado de perturbação; agitação; desordem; ajuntamento tumultuoso (no caso de multidão); ruído; estrondo; algazarra; vozeria; gritaria; e *turbo*, como turbilhão; movimento rápido e circular; redemoinho (de vento); tromba; redemoinho (de água); ciclone; agitação; perturbação; confusão; tempestade; tormenta; força (de projeção); impetuosidade (dum corpo arremessado); rapidez; energia (Torrinha, s.d.).

Em Houaiss (2001), encontramos trovão com as seguintes acepções: “1. forte ruído provocado por descarga elétrica na atmosfera; trovoada; 2. qualquer ruído forte; 2.1. ribombo do canhão; trom; 3. algo espantoso”.

Em Ferreira (2004), temos: 1. Estrondo causado por descarga de eletricidade atmosférica; trovoada; 2. Grande estrondo; trovoada; 3. Coisa ruidosa ou espantosa.

Há séculos temos a lexia “trovão” relacionada não somente a fenômeno atmosférico. Na tradição bíblica, o trovão é a voz de Jeová e, também anuncia a aparição ou revelação da divindade, a manifestação de Deus. Encontramos o trovão manifestando o poder de Deus, especialmente sua justiça e cólera, ao corrigir os desvios de comportamento e os erros dos homens.

Na cultura grega, inicialmente o trovão era ligado aos estrondos das profundezas da terra, possivelmente vinculado aos fortes ruídos dos terremotos, mas, mitologicamente, passou da terra para as mãos de Zeus e simboliza o comando supremo com o qual o deus grego do céu comandava ao mesmo tempo mortais e imortais.

Contudo, Segundo Cascudo (1993), as tradições populares em relação a trovão estão quase desaparecidas e, quando as encontramos, quase sempre estão vinculadas à prevenção para evitar o raio que é anunciado pela trovoada. Já não há quase devotos da ideia de que o trovão seja castigo divino ou aviso. No Brasil colonial, entretanto, a influência religiosa do trovão foi infinita, visto que encon-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tramos a figura do deus Tupã, deus do trovão, criada pela catequese católica no século XVI como uma técnica que tomava o efeito pela causa e significava a divindade onipotente perante os índios.

Ao verificarmos as ocorrências na região do Grande ABC, além de “trovão”, também encontramos as lexias “estrondo”, “baque”, “corisco” e “trovoada”.

As lexias “estrondo” e “baque” possuem traços semânticos vinculados a barulho. Esta, de origem onomatopaica, significa barulho de um corpo ao cair ou ao bater em outro ou efeito de cair; queda, tombo; enquanto aquela, de etimologia controversa, é barulho alto, forte e, por vezes, prolongado; ruído geralmente prolongado; rumor mobilização frenética de pessoas em torno de algo; estardalhaço, agitação (Houaiss, 2001).

Quanto à lexia “corisco”, tal qual a lexia “fuzil” registrada por Encarnação (2005), entre caiçaras, nas comunidades tradicionais de Ilhabela, no litoral paulista, significa faísca elétrica da atmosfera, acompanhada ou não de trovão; raio; relâmpago. Podemos inferir que, nesses casos, houve uma confusão entre os dois fenômenos atmosféricos que foram questionados durante a entrevista.

A constatação do uso da lexia “trovoada”, também ocorre, apesar de encontrarmos controvérsias sobre o significado dessa lexia. Segundo Mourão (1995, p. 849):

O ruído que acompanha o relâmpago é a trovoada. Alguns autores procuram fazer distinção entre o ruído quando o relâmpago ocorre entre duas nuvens e entre nuvem e o solo, no primeiro teremos trovoada e no segundo o trovão.

Para Isaacs (1996, p. 428), trovoada é “uma tempestade que atua por convecção acompanhada de relâmpago e trovão, e uma variedade de condições de tempo, especialmente, chuva intensa ou granizo, ventos fortes e variações repentinas de temperatura.”

Houaiss (2001) afirma que trovoada é uma sucessão de trovões, uma tempestade acompanhada de trovões. Ferreira (2004), por sua vez, além da acepção “sucessão de descargas elétricas e trovões, acompanhada, geralmente de chuva”, também reconhece as acepções trovão, grande estrondo e, na Bahia, Estação das chuvas.

A CIDMAR TEODORO PAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das breves colocações que fizemos neste trabalho, fruto de um estudo maior, num projeto que está em desenvolvimento, percebemos que a análise da norma de um grupo humano, em especial num recorte regional, pode proporcionar registros de formas linguísticas que denotam influências socioculturais recebidas por esse grupo e ajuda a compreender as características linguísticas e não-linguísticas da região. Conforme afirma Brandão (1991, p. 6):

A língua, portanto, só existiria para englobar a cultura e comunicá-la, transmiti-la. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda.

Embora o espaço, foco de nosso estudo, seja o município de São Paulo, não podemos nos esquecer que muito há de congruências entre as características sócio-econômica-histórica-cultural dessa gigantesca cidade e da região do Grande ABC, visto que foi por esta que passaram colonizadores, jesuítas, tropeiros, imigrantes, dentre outros, para, muitas vezes, fixarem-se na cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, S. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CRISTIANINI, A. C. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Estudo geolingüístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de I-lhabela*. 2005. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. São Paulo: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

IORDAN, I. *Introdução à lingüística românica*. Trad. de Júlia Dias Ferreira. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

ISAACS, A. *Dicionário breve de Física*. Lisboa: Presença, 1996.

MOURÃO, R.R.F. *Dicionário enciclopédico de Astronomia e Astro-náutica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PERRUCCI, S. *A cidade mais importante da América Lati-na*. Disponível em: <http://www.cidadedesapaulo.com/shMat.asp>. Acesso em 18 ago. 2007.

PRODAM. *A cidade de São Paulo e sua história*. Disponível em: <http://www.prodam.sp.gov.br/dph/historia/>. Acesso em 18 ago. 2007.

SCHWARCZ, L.K.M. *Associação viva o centro: História do centro de São Paulo*. Disponível em: <http://www.vivaocentro.org.br/banco-dados/centrosp/historia.htm>. Acesso em 18 ago. 2007.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 7ª ed. Porto: Gráficos Reunidos, s/d.